



REVISITANDO O CURRÍCULO DE HISTÓRIA DO ACRE NA EDUCAÇÃO BÁSICA ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL

Flávia Rodrigues Lima da Rocha¹

Resumo

O projeto, *Revisitando o currículo de História do Acre da Educação Básica através da história oral*, visou uma nova abordagem metodológica para o Ensino de História do Acre na Educação Básica, Ensinos Fundamental (2º segmento) e Médio, tendo em vista a pouca disponibilidade de materiais didáticos. Por isso, durante o desenvolvimento deste trabalho pretendeu-se identificar os conteúdos de história do Acre contidos no Currículo de História e redimensioná-los para o ensino através de fontes orais sobre tais assuntos/conteúdos. Para a realização da pesquisa selecionamos duas escolas, onde a cada bimestre houve um planejamento coletivo para os temas de interesse, entre os profissionais da escola e nossa equipe de trabalho.

Palavras-Chave: História; Oralidade; Educação Básica.

Introdução

O atual currículo de história do Acre ensinado nas escolas é baseado nos Cadernos de Orientações Curriculares de História do Estado do Acre, publicado em 2010, que por sua vez é baseado nos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1996. Sabe-se que nosso currículo é de extrema influência europeia e que nossos conteúdos têm como referência a história da Europa. Entende-se que todo e qualquer currículo é carregado de concepções ideológicas que interferem na reconstrução da memória social, que tem como objetivo cumprir determinado interesse de ordem política, econômica e cultural. Daí compreende-se melhor a extrema valorização de uma cultura letrada, bem como de uma historiografia escrita por uma classe dominante e detentora das escolhas do que se estudar nas escolas, selecionando conteúdos, indicando metodologias e legitimando saberes.

Ao longo dos séculos o ensino de história privilegiou o texto escrito como documento oficial, detentor da verdade absoluta sobre as diversas histórias a serem estudadas, excluindo, assim, diversos saberes, memórias e relatos de experiências vividas e de muito valor para a

¹ É professora da Universidade Federal do Acre (Ufac). Atualmente vice coordenadora do Curso de História Licenciatura. Possui graduação em História pela Ufac e mestrado em Letras: linguagem e identidade pela Ufac.

construção da memória de determinado povo, lugar ou sujeito, que seja. O fato é que a oralidade é vista desde o século XIX como sinônimo de inferior e de atraso, chegando Hegel (1830-1), influenciado por Marx, a afirmar que a África, por exemplo, seria um continente sem história, por não ter escrita (apud BURKE, 1992, p.102). Convencionou-se assim a utilizar como principal fonte de conhecimento no âmbito escolar, o livro didático, que também é construído a partir das histórias elitista dos vencedores, que pouco ou nada insere a perspectiva do aluno como sujeito histórico do conhecimento.

Daí a necessidade do uso história oral como técnica de ensinar história, a fim de democratizar o ensino, bem como ressignificá-lo diante de toda a comunidade escolar, desde o corpo docente ao corpo discente. Pode-se compreender a história oral como uma pedagogia revolucionária, porque conduz o trabalho muito mais pelas perguntas do que pelas respostas.

A história oral se consagrou por ser não somente a história dos grandes homens, dos heróis, dos líderes, dos grandes políticos, mas, principalmente, por ser a história dos comuns, das pessoas outrora excluídas do campo historiográfico e sem condições de serem vistas ou ouvidas. Por isso, mais do que informar sobre acontecimentos, a fonte oral descortina o significado que eles tiveram para as pessoas que os viram ou vivenciaram, não somente os fatos em si, mas, sobretudo, as percepções sobre tais acontecimentos, que são de suma importância na construção do conhecimento histórico sistematizado, a ser trabalhado no âmbito escolar. Daí a história oral ser entendida tanto como um método que registra memórias narradas como também o resultado desse método, ou seja, a fonte de informação.

O uso da história oral em sala de aula é indicado a educadores que se preocupam em fazer com que a história da comunidade local seja associada aos conteúdos do currículo escolar.

O projeto: concepção e aplicação

O presente trabalho buscou trazer uma nova proposta de ensino de História para o currículo de História do Acre do Ensino Básico através do uso da História Oral como técnica de pesquisa, produção e aprendizado do conhecimento. A pesquisa pretendeu fazer dos alunos não apenas receptores de conhecimento, como também produtores deste, assumindo assim uma postura de pesquisadores e sujeitos ativos da construção histórica e conscientes disso. O projeto pretendeu, ao longo do ano letivo, treinar uma equipe que possa ser multiplicadora do uso da técnica da história oral aplicada ao ensino de história, a fim de em cada ano aplicar essa técnica, através de pesquisas planejadas e executadas por um conjunto de sujeitos envolvidos, tanto das escolas quanto da Universidade Federal do Acre, a fim de que estas pesquisas se transformem em conhecimento histórico que possa ser ensinado durante as aulas e os alunos possam se sentir parte

essencial deste conhecimento, não apenas de seu aprendizado, mas de sua própria elaboração, ou seja, que eles possam reconhecer sua identidade através do conhecimento que eles contribuíram para que fosse produzido, que eles possam perceber a história de seus pais, avós e outros antepassados sendo ensinada como conteúdo e, assim, compreender que todo homem é construtor de sua própria história.

A importância deste projeto de pesquisa está no uso de novos recursos metodológicos que buscam uma inovação didática de transpor e até de elaborar e absorver os conhecimentos pelos próprios alunos. Embora o uso da história oral já seja uma indicação dos Parâmetros Curriculares (1999) e pela própria Orientação Curricular de História do Estado do Acre (2010), ainda não é uma prática efetiva em nossas escolas. Sabemos certamente, que muitos historiadores ainda resistem ao uso da história oral como fonte para a construção do saber histórico, por serem ainda céticos quanto ao seu valor na reconstrução do passado, sobretudo devido à grande influência de nossa herança positivista ainda tão forte em seus paradigmas sobre a escrita da história contemporânea.

Entretanto, como nos afirma Prins (1992) a história oral nos dá a oportunidade de conhecer outras versões de histórias oficiais, consideradas como verdadeiras, passando-se a levar em consideração então a “história vista de baixo”, que dá voz a personagens históricos dantes silenciados por correntes historiográficas tradicionais e preocupadas com temáticas não pertinentes à história oral. Além disso, como nos afirma Schmidt (2004), a história oral em sala de aula pode contribuir para a percepção de que o educando seria partícipe da História, tomando a consciência de que a história é parte integrante de sua vida, pois ele mesmo e os que o cercam são construtores da mesma. É também importante compreender que, como nos afirma Ferreira & Amado (1998), entendida como metodologia, a história oral remete a uma dimensão técnica e a uma dimensão teórica. Esta última evidentemente transcende e concerne à disciplina histórica como um todo. Por fim, consideremos o que nos declara Alberti (2004), ao afirmar que, a história oral, usa de um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo, que pode ser os mais diversos, como acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc, o que nos leva a perceber a amplitude trazida pela história oral em diversos aspectos, desde o conceito de história, passando pelo conceito do sujeito histórico, bem como as diversas maneiras de se construir a história e o conhecimento historiográfico.

Este trabalho teve como objetivo principal trazer ao processo de ensino-aprendizagem do ensino de história na Educação Básica (por meio de amostragem, visto que apenas uma escola de cada segmento participará deste trabalho) uma gama de novas possibilidades através do uso da

história oral nos conteúdos de história do Acre. Desde o que se refere ao conceito de história, e de sujeito histórico, como também no tocante à atuação dos envolvidos quanto à sua participação na construção do conhecimento histórico, buscando assim transformar a perspectiva de receptor para construtor não apenas da história como também do conhecimento histórico.

Além disso, o projeto propôs-se ainda a aproximação do docente do Curso de História com o ambiente da pesquisa, bem como trazer aos docentes de História das escolas da Rede de Ensino Básico uma formação mais ampla sobre uso da história oral no processo de ensino-aprendizagem, especialmente na aplicação desta técnica e teoria aos conteúdos de História do Acre. Por fim, buscou-se a ampliação das perspectivas dos alunos das escolas da Rede de Ensino Básico quanto ao ensino de história e sua posição dentro deste, buscando conscientizá-lo de sua atuação não apenas como receptor de conhecimento, mas também como construtor deste e de sua própria história.

Segundo Santhiago (2015) a história oral vem ao encontro de nosso tempo como profissionais da educação, tanto como instrumento educativo relativamente novo, que se alinha às demandas e questionamentos de modernas teorias pedagógicas, bem como oferece novidade em meio às discussões sobre as melhores formas de aprender e ensinar, sobre os conteúdos das disciplinas escolares, sobre a ênfase colocada no papel do professor ou às potencialidades do aluno, sobre as ferramentas alternativas de ensino a que se pode recorrer, sobre a necessidade de uma aproximação maior entre o conteúdo escolar e a vida do estudante. Ao mesmo tempo, a história oral se vincula a práticas mais amplas de valorização de identidades e culturas plurais, onde novos sujeitos ganham a possibilidade de serem inseridos como agentes históricos nos conteúdos a serem ensinados.

Santhiago (2015) nos afirma que história oral não é simplesmente um método de pesquisa que registra memórias de pessoas em uma situação de diálogo, mas que a utilização deste método na pesquisa implica em uma série de procedimentos técnicos e conceituais que fazem toda a distinção entre esta técnica e as demais.

Ainda segundo Santhiago (2015) a história oral vem romper com a tradicional concepção de ensino, que se fundamenta em saberes prontos e concebe o aluno como um mero receptor de informações, onde o aprendizado seria mais voltada para técnicas de memorizações de conteúdos, limitando por completo a capacidade do aluno de apreender conhecimento e transformá-lo de acordo com sua realidade. Enquanto isso, percebe-se na história oral uma ferramenta que altera este quadro, diversificando caminhos em direção ao conhecimento, valorizando a autonomia e a experiência do aluno como sujeito histórico capaz de produzir conhecimento e de ter plena consciência de seu lugar na sociedade onde ele está inserido, proporcionando-lhe um aprendizado

ativos, participativo e colaborativo, tendendo assim a aumentar seu interesse pelo objeto do conhecimento, sobre o qual ele também atua.

Segundo Alberti (2004) o trabalho com a oralidade trata da experiência do sujeito, e sua narrativa acaba colorindo o passado; é uma narrativa com domínio, pois traz para a discussão um relato único e singular, o relato de quem viveu o fato. Trata-se então de transpor o ensino de história dentro de uma memória social, mais ampliada do que a proposta pelo ensino tradicional, destacando a particularidade da fala de cada sujeito, fala que vai incidir sobre a realidade. Surgindo desse diálogo construções que possibilitem ao aluno uma concepção mais próxima entre a história ensinada e a história vivida. Segundo Thompson

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da Memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos. (THOMPSON, 1992, p 17.)

Sabe-se atualmente da importância em inovar com variadas técnicas em sala de aula. Destacando essa preocupação, o trabalho gira em torno dessa perspectiva, de sair da quietude desse espaço e proporcionar ao aluno uma interação maior com a história, lhes mostrando de forma bem mais viva a memória, a história contada, a história de vida de suas famílias, ensinando assim, ao aluno, o nos propõe Le Goff (2013), *a amar o que nunca se verá duas vezes*, através dessa prática que se apresenta como uma técnica muito rica em produtividade, que é a história oral, tendo como foco a história local. Pode-se perceber essa importância com a seguinte contribuição de Alberti

É da experiência do sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu. (VERENA, 2004, p. 14)

Metodologia

A metodologia deste projeto de pesquisa se deu através de oficinas ministradas para toda a equipe envolvida (tanto da escola quanto da Universidade Federal do Acre), bem como para quem se interessasse pelas temáticas. A primeira oficina tratou do tema História e Memória, desenvolvendo assuntos como entre a memória e a história, memória e esquecimento, memória e a invenção do passado, memórias e narrativas. A segunda oficina, História oral como técnica de ensino, trabalhou com o conceito de História Oral, tipos de entrevista e modalidades de História Oral, a entrevista: fonte e construção do documento, procedimentos. Por fim, a terceira oficina discutiu a História do Acre no currículo da Rede Básica de educação no Estado do Acre e a

inserção da história oral nos conteúdos curriculares. As três oficinas foram ministradas por professores da Universidade Federal do Acre, do curso de História, que já atuam nesta linha de pesquisa e foram de extremo proveito na formação continuada de todos os participantes, uma vez que puderam repensar o currículo da Educação Básica através de uma maneira mais ampla e democrática de ensinar.

Paralelo às oficinas de formação dos participantes deste projeto, desenvolveu-se um estudo das Orientações Curriculares de História do Estado do Acre, no intuito de mapear conteúdos onde se pudesse inserir a técnica da oralidade como metodologia de ensino. Uma vez mapeados este conteúdos, elaborou-se duas sequências didáticas a partir dos conteúdos selecionados, sequências estas construídas coletivamente entre os participantes dos projetos, focadas nos conteúdos, Índios da Amazônia Acreana, do 6º ano do Ensino Fundamental; e Tradição oral africana na luta pela igualdade racial, do 7º ano do Ensino Fundamental, temática trabalhada na ocasião do 20 de Novembro, construída a partir do conteúdo que analisa o cotidiano e as manifestações culturais das sociedades antigas e medievais, abrangendo ainda o objetivo de ensino que busca compreender as relações sociais dos diversos grupos humanos em suas diferentes formas de agrupamento, organização, produção, lutas e conflitos. Estes conteúdos mencionados são comumente trabalhados limitados ao contexto europeu, deixando de fora uma infinidade de personagens históricos em outras diferentes localidades, que, embora excluídos, coexistiram com os povos do continente europeu, com toda sua complexidade histórica e geográfica.

A primeira sequência didática, voltada para o estudo dos Índios da região acreana, trouxe, a princípio, o levantamento de conhecimentos prévios dos alunos sobre os índios acreanos, visto que em nossa região a presença indígena é até nossos dias muito marcante e a maior parte de nós é fruto destes povos, que outrora habitavam nosso território. Para este levantamento de conhecimentos prévios utilizou-se imagens referentes aos povos indígenas do Acre, bem como à sua história e cultura, com as quais os alunos, na faixa de 10 a 12 anos mostraram familiaridade. Depois disso, seguiu-se a aula dialogada sobre o conteúdo em questão, com a participação dos alunos e dos conhecimentos que eles já detinham, associando-os aos novos conhecimentos ali adquiridos. Esta aula conceitual contou ainda com o uso do livro didático de História do Acre: novos temas, nova abordagem (Souza, 2002), bem como a elaboração de um painel de livre com textos e imagens produzidos pelos próprios alunos, como representação dos conhecimentos ali adquiridos em torno daquele conteúdo. Expôs-se aos alunos alguns recortes de entrevistas com indígenas, feitas por jornais locais e outras fontes; depois disso, eles juntaram-se em equipe e elaboraram entrevistas a indígenas, que foram convidados a estarem na escola e a serem entrevistados, numa roda de conversa, pelos alunos, momento este extremamente proveitoso para todos, onde a técnica de história oral foi aplicada, onde a metodologia de ensino de história foi alargada, onde os alunos se

transformaram em agentes construtores de conhecimento e onde a história e a cultura indígena pode ser exposta de uma maneira mais humanizada e mais valorizada, conforme exige a legislação de 2008, a lei 11.645.

A outra sequência didática elaborada e trabalhada durante as comemorações do 20 de Novembro, já em cumprimento da lei 10.639/2003, também buscou associar história oral ao conteúdo já proposto, uma vez que o foco do trabalho foram os griots, contadores de histórias de muita regiões africanas, que levavam a história e a cultura africana de uma região para outra, demonstrando assim, que mesmo que grande parte da África tenha possuído uma escrita tardia, sua história e cultura não se perdia por isso, muito pelo contrário, a oralidade era um veículo extremamente poderoso na formação das gerações e na consolidação de suas histórias e culturas. Associou-se neste trabalho técnica oral, história e cultura africana e afro-brasileira, no sentido de que associou-se a antiga tradição oral africana com a nossa própria tradição de contação de histórias, muito presente em nossos avós e em nossas tradições amazônicas. Por fim, o trabalho teve fim com construção de bonecas abayomis, bem como toda uma exposição de sua história e troca de bonecas entre os alunos.

Percebeu-se o entusiasmo e o encantamento dos alunos com a novidade de conhecimentos, principalmente pela valorização de suas identidades étnicas, tanto indígenas como afro-brasileira, bem como pela maneira como os conteúdos foram construídos a partir da participação coletiva das turmas, que passaram de receptores a construtores e responsáveis pelo conhecimento sistematizado durante as aulas.

Por fim, diferentes formas de expor os trabalhos realizados por meio deste projeto foram pensadas para que o trabalho ganhasse outras dimensões, foram expostos banneres em diferentes eventos, bem como comunicações orais e artigos foram desenvolvidos, com o intuito de ampliar as discussões sobre a valorização da memória cultural através da tradição oral dos diferentes povos que compõem nossas raízes.

Resultados

Diversos e extremamente ricos foram os resultados deste trabalho. Desde a formação mais ampliada do acadêmico do Curso de História, através da ampliação curricular e da associação entre ensino e pesquisa, o que lhe é fundamental para um desenvolvimento acadêmico de melhor qualidade. Como também a formação continuada dos professores da rede básica de ensino através das oficinas, buscando-se assim ampliar a qualidade de seu ensino. O envolvimento da comunidade escolar com as atividades de ensino da escola (desde os alunos das escolas como também suas famílias, através do estudo da oralidade que os alunos desenvolveram com suas famílias), também

foi outro resultado muito positivo neste projeto. A devolutiva para as escolas por meio de exposições dos resultados das entrevistas, foi outro ganho para a escola e para todos os participantes dos trabalhos que puderam apresentar suas produções, divulgando seus trabalhos e socializando o conhecimento adquirido.

Percebeu-se com a finalização deste trabalho a necessidade de utilização da história oral como técnica do ensino de História, bem como uma nova perspectiva de construção do conhecimento de forma ampliada, coletiva e democrática. Percebeu-se ainda o acentuado envolvimento do aluno nos conteúdos curriculares ensinados para além do livro didático, onde ele é apenas um mero receptor, transformando-se então em um construtor e multiplicador de conhecimento. Percebeu-se ainda a importância da interação da equipe docente das escolas envolvidas neste projeto para sua formação continuada, que ainda é um grande desafio para o docente da Educação Básica.

Com a aplicação deste projeto no ensino História da Educação Básica percebeu-se ainda uma infinidade de possibilidades do uso de história oral em sala de aula, associado a diversos conteúdos escolares. Bem como compreende-se que a história oral é um portal que permite acessar muitas dimensões que constrói os saberes, como a memória, a narrativa, a subjetividade, a oralidade e tantas outras que se entrelaçam no que é narrado e no que é ouvido.

Acredita-se que o uso da história oral no ambiente escolar abre a possibilidade de uma aprendizagem mais participativa e cidadã, contribuindo para a valorização da memória da comunidade e de povos outrora excluídos do ensino de História, por não terem suas histórias registradas em livros didáticos, como as histórias dos povos indígenas e histórias africanas e afro-brasileiras.

Tendo em vista amplitude compreendida através deste projeto das possibilidades do uso da história oral, recomenda-se que esta modalidade de ensino esteja cada vez mais frequente nas escolas, sobretudo no ensino de História, a fim de que se construa uma sociedade mais justa e democrática, com maior participação cidadã.

Referências

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

BARRENECHEA, Miguel Angel (org.). **As dobras da memória**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.

BERTÉ, Isabela Lisboa. **Os usos da memória no ensino de História o aluno atuando como historiador a partir da história oral**. Aedos. vol. 4. n. 11. Setembro, 2012.

- BITTERCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004 (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental).
- BORGES, Jorge Luis. “Funes, o memorioso”, pp. 53-57. In: **Ficções**. São Paulo: Globo, 1999.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembrança de velhos. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1987.
- BOUTIER, Jean & JULIA, Dominique. **Passados recompostos**: campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Editora da FGV, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: História. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BURKE, Peter (org.). **A Escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. – (Biblioteca básica).
- CASTRO, Amélia Americano Domingues de. Princípios do método no ensino da História. **Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras**, São Paulo, n. 138, 1952.
- CASTRO, Amélia Domingues de. Alguns problemas no ensino da história. **Revista de História**, São Paulo, n. 24, v. 11, p. 257-266, out./dez. 1955.
- CESARINO JÚNIOR, A. F. Como ensinamos história. **Revista de Educação**, São Paulo, v. 13 e 14, p. 52-60, mar./jun. 1936.
- D’ÁVILA, Antonio. O ensino da história. In: **Práticas escolares** (De acordo com o programa de Prática e Ensino do curso Normal e com a orientação do ensino primário). São Paulo; Saraiva, 1940. p. 325-348
- FERREIRA, M.M; FERNANDES, T.M. & ALBERTI, V. (orgs) **História Oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz e Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- FREITAS, Itamar. **História oral**: entre método, técnica e recurso didático para o ensino de história (1887/2004). Comunicação apresentada no Espaço de Diálogo “História oral e ensino de história”, dentro da programação do VI Encontro de História Oral do Nordeste – Culturas, Memórias e Nordestes”, realizado na Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus-BA, de 2 a 5 de maio de 2007.
- GARNICA, A. V. M. **O escrito e o oral**: uma discussão inicial sobre os métodos da História. **Ciência & Educação** (Bauru – São Paulo), 1998, 5(1), 27-35.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. São Paulo: Aeroplano Editora, 2000.
- LAVERDI, Robson. [et al] (org.) . **História oral, desigualdades e diferenças**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Edunicamp, 2013.

- MATOS, H e RIOS, Ana Lugão. **Memórias do Cativoiro**: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- MATOS, Júlia Vieira. **História oral como fonte**: problemas e métodos. *Hitoriae*. v. 2, n. 1, 2011.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.
- MONTENEGRO, A.T. **História Oral e Memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1992.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares, In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2. nº 3, 1989. p. 3-15.
- PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos**: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais: Rio de Janeiro, Vol. 1 Nº 2, 1996, P. 59-72.
- PRAXEDES, V.L.; TEIXEIRA, I. A. C. (orgs). **Memórias e percursos de professores negros e negras da UFMG**. Belo Horizonte: Autêntica,
- SANTHIAGO, Ricardo. **História Oral na Sala de Aula**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (Coleção Práticas Docentes)
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: a cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- SMITH, Richard Cândida. **Circuitos de subjetividade**: História oral, o acervo e as artes/[tradução Fernando Cássio e Ricardo Santhiago]. -- São Paulo: Letra e Voz, 2012. -- (Coleção Ideias)
- SOUZA, Carlos Alberto de. **História do Acre**: novos temas, nova abordagem. Rio Branco: Editor Carlos Alberto Alves de Souza, 2002. 212 p.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VISCARDI, C.M.R & DELGADO, L. N. **História Oral**: Teoria, Educação e Sociedade. Juiz de Fora: Ed.UFJF, 2006.